

## ANCESTRALIDADE AFRO-BRASILEIRA NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DA VILA JOÃO VAZ

### AFRO-BRAZILIAN ANCESTRY IN THE FEAST OF NOSSA SENHORA DO ROSARIO AND SÃO BENEDITO DA VILA JOÃO VAZ

**Cleber de Sousa CARVALHO**

<cleber.ueg@gmail.com>

Mestre em Performances Culturais

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Brasil

Professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiânia, Goiás, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/4935198493214617>

**Sebastião RIOS**

<sebastiaorios@gmail.com>

Doutor em Sociologia

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Brasil

Professor no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais na Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7078983629857043>

#### RESUMO

Este texto apresenta reflexões acerca dos processos interculturais que manifestam-se na Congada, a partir da imbricação de referências do catolicismo e da espiritualidade fundada na ancestralidade africana Banto. O foco das análises perpassa as dimensões religiosa, cultural e social na qual foram constituídos os festejos de coroação de reinados negros no Brasil, assim como desdobramentos destas manifestações na Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz, Goiânia (GO). Observou-se a dinâmica de um catolicismo negro fundamentado nos festejos da Congada. Os processos interculturais entre africanos e portugueses no contexto colonial promoveu a constituição destas performances negras, ainda resilientes em cerimônias de coroações de reis e rainhas negros(as) e na realização de cortejos e embaixadas compostas por soldados e batalhões em um ambiente de fé católica, ressignificada por tradições africanas e afro-brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** congada, ancestralidade afro-brasileira, processos interculturais, cultura banto, catolicismo negro.

#### ABSTRACT

This text presents reflections on aspects related to the intercultural processes that are manifested in the Feast of Congada, from references derived from Catholicism and from the spirituality founded on the African ancestry of the Bantu culture. The analysis focuses on the religious, cultural and social dimensions in which the celebrations of the coronation of black reigns in Brazil were constituted, as well as the unfolding of these manifestations in the Feast of Nossa Senhora do Rosario and Sao Benedito da Vila Joao Vaz, Goiania, Goiás, Brazil. It was observed the dynamics of a black Catholicism based on the festivities of the Congada. The intercultural processes between Africans and Portuguese in the colonial context promoted the constitution of these black performances, still resilient in ceremonies of coronations of black kings and queens and in the procession of courts and embassies composed by soldiers and battalions in an atmosphere of the Catholic faith, reassigned by African and Afro-Brazilian traditions.

**KEYWORDS:** Congada, Afro-Brazilian ancestry, Intercultural processes, Banto culture, Black Catholicism.



## ASPECTOS HISTÓRICOS E INTERCULTURAIS NA CONGADA

Este texto apresenta reflexões acerca de aspectos relativos aos processos interculturais que manifestam-se na Congada, a partir da imbricação d referências do catolicismo e da espiritualidade fundada na ancestralidade africana Banto. O foco das análises perpassa as dimensões religiosa, cultural e social na qual foram constituídos os festejos de coroação de reinados negros, assim como alguns desdobramentos destas manifestações na Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz.

Os festejos da Congada apresentam múltiplos sentidos, abrangendo dentre eles a presença de saberes e procedimentos característicos do catolicismo e da espiritualidade e ancestralidade africana Banto. Esta hibridação de referências decorrentes dos processos interculturais entre povos africanos e portugueses no contexto colonial brasileiro da escravidão concorreu para a constituição de reinados negros que, dentre outras atribuições, promoviam as cerimônias de coroação de reis e rainhas e a devoção a santos católicos.

A coroação desses reinados, assim como os festejos e cortejos correlatos, realizados geralmente em locais públicos, eram promovidos por instituições religiosas leigas configuradas como irmandades negras, havendo registros que confirmam a existência no Brasil desde o século XVII, conforme relata a bibliografia (SOUZA, 2004). Na atualidade ainda encontramos algumas festividades da Congada em diversas regiões do país, sobretudo sudeste e centro-oeste, a maioria delas organizadas a partir de irmandades negras de devoção a santos católicos, dentre eles Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e São Elesbão.

Diversos autores discutem as origens da Congada, abordando as especificidades do contato do catolicismo europeu com elementos da religiosidade e cosmovisão africana.

Leda Martins (1997, 2001), Marina Souza (2006), Glaura Lucas (2014), Núbia Gomes e Edimilson Pereira (2000), José Tinhorão (2000 e 2012), Talita Viana e Sebastião Rios (2016) comentam sobre os cruzamentos de aspectos culturais e religiosos europeus e africanos que são

manifestados na Congada, a partir da realização de rituais e cerimônias festivas de coroação de reis negros.

A respeito das primeiras manifestações destas cerimônias, sabe-se que a reza do rosário e a devoção dos pretos a Nossa Senhora do Rosário e alguns santos negros como São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão, foram introduzidas pelos dominicanos antes do processo de escravização, ainda no continente africano. Esta foi uma estratégia de catequização que se configurava como forma de controle dos africanos escravizados.

Sendo realizadas no Brasil na forma de agrupamentos em Irmandades, desde o início da colonização, estas cerimônias eram realizadas pelos negros escravos e forros que compunham as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ou as de santos negros como São Benedito e Santa Efigênia. As Irmandades delineavam a separação entre grupos sociais a partir de aspectos étnicos, de classe social e categorias profissionais, e sempre se vinculavam a algum santo, que se configurava como patrono da Irmandade.

Lucas (2014, p. 47) destaca que “nas Confrarias e Irmandades os negros incluíam, nas celebrações de devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos, certos rituais africanos como a coroação de reis e rainhas fazendo uso de instrumentos de percussão na execução de suas músicas e danças”. Sendo comum nas Festas do Rosário dos Pretos, a realização de visitas feitas pelas diferentes guardas da Congada, a realização de cerimônias de “entrega de coroa”, bem como os cortejos das guardas com a presença do Reinado, a autora, parafraseando Oneyda Alvarenga, comenta que fazia parte dos antigos costumes congolezes a realização de eleições de novos reis, assim como também entre reis dos povos Bantos a realização de embaixadas diplomáticas “cercadas de sua corte, entre cantos e danças guerreiras”.

Dentre os aspectos polissêmicos que compõem a Congada, pode se considerar que ao mesmo tempo em que as irmandades que as realizavam se configuraram como um mecanismo de controle do sistema escravista, também se apresentaram como possibilidade de vivência de elementos da cultura dos negros escravizados, incluindo a cosmovisão de mundo do africano Banto, que acredita na interação entre mundo físico e mundo espiritual, bem como nas forças mágicas presentes nos elementos da natureza.

(...) na qualidade de membros das Irmandades, os negros encontravam justificativas para as constantes reuniões musicais nas ruas, nas quais lhes era permitida a produção de uma música própria. E mesmo sem o pretexto das festas religiosas, os negros continuaram a tocar a sua música (LUCAS, 2014, p. 47).

Mesmo tendo sido reconfiguradas a partir das estratégias escravistas no século XIX, as cerimônias de coroação de reis e rainhas negros continuaram sendo realizadas espontaneamente pelos próprios negros que imprimiram novas dinâmicas e novos significados às suas tradições. Na atualidade, rainhas e reis Congos continuam representando nas suas festas tanto as nações africanas, quanto os reinos sagrados.

Para Leda Martins (1997), a inserção de tradições europeias nestes rituais não romperam a sua estrutura africana e a forma de ressignificar o catolicismo, vivido de uma maneira própria e, em diversas situações, a partir de condutas que em alguns casos contrariam os padres de algumas paróquias. Nas paróquias a que estão vinculadas as Irmandades do Rosário dos Pretos, conforme se constata na literatura do tema, como em Brandão (1985), e também em algumas observações realizadas na Festa da João Vaz, é comum os padres realizarem intervenções nos festejos da Congada, especialmente no que tange à postura dos congadeiros durante a festa, por exemplo, quanto ao consumo de álcool. Em alguns casos, essa intervenção geralmente é feita através de falas durante as missas, ou até mesmo incidindo na proibição do uso das dependências da paróquia para a realização de algumas cerimônias dos festejos da Congada, conforme alguns congadeiros da Vila João Vaz relatam ter acontecido há alguns anos.

Lucas (2014) ilumina essa discussão trazendo alguns conceitos como reinterpretação, dissimulação, sincretismo e contiguidade, desenvolvidos, respectivamente, por autores, como Herskovits, Pereira e Gomes (2000), Ferretti (2013) e Martins (1997) para explicar as relações entre o processo de imposição cultural sofrido pelos negros no sistema escravista e a reelaboração e reinterpretação de valores que eram alheios à sua concepção de mundo e que formaram um contorno próprio de catolicismo. É importante compreender, também a “negociação” como uma noção que media o processo de imposição e dissimulação entre os congadeiros e as diversas instituições sociais, especialmente a Igreja e a polícia. Vale ressaltar que ao pensar em “negociação”, neste caso, têm-se como horizonte o estabelecimento de um tipo de relação onde um lado perde mais que o outro.

As noções de reinterpretação e dissimulação são discutidas como formas de reação dos negros à imposição cultural dos europeus, criando uma espécie de atalho, que compunha um jeito próprio de compreender o catolicismo a partir de referências familiares ao seu próprio universo simbólico. Lucas (2014) destaca que esse processo foi permeado por um sistema repressor, que funcionava a partir da organização das Irmandades, impedindo que algumas manifestações peculiares à religiosidade africana fossem realizadas pelos negros.

Explicando sobre a dissimulação como um mecanismo próprio de resistência desenvolvido pelos negros no Congado Mineiro, Leda Martins (2000, p. 101) ressalta que a dissimulação seria um tipo de atitude em que “dissimular significava manter contato com o elemento estranho sem se deixar envolver totalmente por ele”. Assim, a dissimulação, como estratégia de resistência, adotada pelos negros escravizados no Brasil, promovia um sentido de libertação do negro oprimido que vinculava-se à dimensão da religiosidade.

Lucas (2014) destaca como o Congado Mineiro expressa elementos dos saberes Bantos, destacando

A importância dos ancestrais para o banto, cuja vida é concebida como uma extensão da vida dos antepassados, e deve ser preparada para que ela se perpetue em seus descendentes. Para o banto, a força vital se recria no movimento que mantém ligados o presente e o passado, o descendente e seus antepassados (LUCAS, 2014, p. 52).

Compreendendo o mundo a partir da relação direta entre o mundo espiritual e o mundo físico, o pensamento Banto que é manifestado no Congado Mineiro, assim como na Congada da Vila João Vaz, não separa rigidamente o divino e o humano, o secular e o sagrado, a arte e o fazer cotidiano, o trabalho e o lazer. É a partir dessa concepção de mundo que a religiosidade passa a atuar como uma forma de preservação e sobrevivência cultural africana, que se manifesta nos festejos da Congada. A ligação com os antepassados, pressuposto estranho ao catolicismo litúrgico, fornece um poderoso sistema simbólico para a manifestação até os dias atuais. Glaucia Lucas (2014, p. 52) ressalta que “no processo de reinterpretação, os santos católicos cultuados pelos negros foram vistos por eles como ancestrais”.

As noções de sincretismo podem ser insuficientes para as reflexões acerca das contradições da Congada. Ferretti (2013) destaca que a noção de sincretismo remete à ideia de junção, mistura, justaposição e paralelismo. O fator que prevalece precisa ser estabelecido para

cada caso específico. O autor destaca, assim, que é possível encontrar diferentes tipos e níveis de sincretismo nas manifestações afro-brasileiras, sendo necessário um refinamento do olhar para lidar com cada uma delas.

A partir do refinamento do conceito de sincretismo proposto por Ferreti, Leda Martins (1997) prefere usar a noção de contiguidade para explicar as polissemias presentes na Congada, uma vez que nas cerimônias do Reinado de Nossa Senhora do Rosário é colocada em operação uma relação diferente da analogia totêmica do Candomblé, assim como da fusão sistêmica aglutinadora da umbanda, que produz um tipo de conteúdo – que a autora chama de “gnosis ritual” – que tem sua concepção acentuadamente africana ao relacionar e incorporar a devoção a determinados santos católicos. Assim, conforme observou Lucas (2014), nas cerimônias festivas da Congada manifesta-se uma religiosidade que se vincula ao culto dos antepassados, assim como um conjunto de saberes africanos que se desdobram da cultura Banto e são reelaborados ao longo do tempo. Estes saberes africanos, subjugados, a partir de referências do catolicismo litúrgico, passaram a se manifestar na forma de devoção aos santos católicos, por meio de uma performance negra que é dinâmica e dialética nas relações que estabelece entre passado e presente, assim como com os diversos conteúdos que a compõe.

Assim, mesmo diante da manifestação da religiosidade católica, a realização destes rituais mantém vivos saberes e memórias que se relacionam com a história da escravidão, desde a dura travessia do Atlântico, lembrando por meio de suas danças, seus cantos e movimentos corporais o sofrimento dos antepassados que viveram em cativeiro. Essa forma de celebrar a fé permite percebermos a importância que os grupos Bantos atribuem às interferências dos habitantes de um tempo passado nos acontecimentos do presente, e como a valorização desse deslocamento no tempo ajuda a entender os movimentos das tradições da Congada na atualidade.

As Festas em Louvor a Nossa Senhora do Rosário se constituem como performances afro-brasileiras, produzidas a partir da interação entre diferentes grupos sociais no Brasil desde o contexto da escravidão, sedimentadas em um universo de conversão ao catolicismo. É importante destacar que o catolicismo vivenciado nessas festas, denominado por alguns autores como um “catolicismo negro” reinterpretado no plano simbólico de referências culturais dos povos Bantos, é vivido de uma maneira intensa e própria.

A vinculação do antigo reino do Congo como símbolo maior de conversão e vivência do catolicismo, a aproximação da África considerada como berço e origem, a configuração de processos de sociabilidade e identificação da comunidade negra na sociedade brasileira materializadas nas Congadas, aconteceu pelo viés da fé cristã, desde o século XVI, na região do antigo reino do Congo (SOUZA, 2006). A partir das relações comerciais e culturais com Portugal e da conversão ao catolicismo dos líderes congolezes, há a reverberação desse contato na América portuguesa e o surgimento das festas de coroação dos reis negros, que tem seus primeiros registros escritos a partir do final do século XVII, na cidade do Recife, PE (SOUZA, 2006).

O catolicismo negro desenvolvido no Brasil era diferente do catolicismo africano, no qual era mais forte a presença da religião tradicional dos bantos, mas a existência do catolicismo africano permitiu que as origens africanas fossem invocadas também por meio do catolicismo e não apenas por meio das práticas tradicionais (SOUZA, 2006, p. 323).

Surgidas nas fronteiras entre o catolicismo e as referências religiosas do povo banto, a aproximação de signos compartilhados nas duas culturas, a portuguesa e a congoleza – como o símbolo da cruz – possibilitou a materialização das Congadas no Brasil. Sobre os entrecruzamentos destas culturas, Souza (2006) afirma que,

(...) para muitos povos bantos, a cruz era um símbolo de especial importância nas relações entre o mundo natural e o sobrenatural e a representação básica da cosmogonia bacongo, organizada a partir da divisão entre o mundo dos vivos e o dos mortos, um sendo reflexo do outro, e estando ambos separados pela água. Portanto, é importante ressaltar que, ao adotarem a cruz católica, os congolezes estavam expressando suas crenças tradicionais ao mesmo tempo em que levavam os portugueses a achar que abraçavam integralmente a nova fé (SOUZA, 2006, p. 60).

Nesta perspectiva, é possível entender como africanos passaram a afirmar suas origens, tradições e dinâmicas culturais na qualidade de cristãos e como disseminadores do cristianismo, em uma relação não exclusivamente de sujeição, apesar das relações sempre desiguais nestes agenciamentos. Inspirada em John Thornton, Marina de Mello e Souza (2006) ressalta que alguns congolezes se converteram ao catolicismo porque receberam revelações na tradição africana que combinavam com a tradição cristã. Ao mesmo tempo, os sacerdotes católicos pensavam na assimilação como definitivamente efetivada. Contudo, mesmo reconhecendo e aceitando a conversão dos nobres congolezes, os missionários europeus nunca

deixariam de considerar partes de suas experiências religiosas, como possuidoras de algo diabólico.

Sobre a base das relações entre o poder administrativo e o poder religioso, no antigo reino do Congo a confirmação do rei, o mani Congo, se dava a partir da confirmação do sacerdote, o mani Vunda, se assemelhando às cerimônias de coroação dos reis em Portugal.

(...) a subordinação do rei negro ao padre é recriada na festa brasileira, a partir de memórias e tradições congoleas, e de acordo com a necessidade de domesticação da comunidade negra empreendida pelas irmandades leigas, a serviço da sociedade colonial (SOUZA, 2006, p. 226).

Considerando os desdobramentos desses processos no Brasil, Souza (2006), destaca que

A importância do poder religioso na legitimação do poder temporal ocorreu primeiro na festa de reis negros, que mesmo sendo uma representação farsesca de determinadas relações e identidades, continha um simbolismo importante para a organização da vida social (SOUZA, 2006, p. 226).

No Brasil, talvez como forma de contraposição às referências portuguesas, somente na coroação dos imperadores, após 1822, com o desligamento político com Portugal, é retomado o ritual da sagração, onde o bispo legitima o poder régio, cerimônia abolida dos salões portugueses desde o século XIV.

Ao refletir sobre a origem das danças dos Congos e suas relações com a cultura portuguesa no Brasil, Andrade (1982) afirma que.

A origem dos Congos é bem africana, derivando o bailado do costume de celebrar a entronização do rei novo. O coroamento festivo do rei novo é prática universal (...), num grupo numeroso de civilizações tanto naturais como da Antiguidade, a entronização e celebração do novo rei está ligada intimamente às comemorações mágicas dos mitos vegetais. E de alguma forma ainda se percebe um eco derradeiro desses costumes ancianíssimos, no caso dos reis negros fictícios, até hoje fracamente persistindo no Brasil (ANDRADE, 1982, p. 17).

Esses ditos “ecos derradeiros”, em tom saudoso, comentados na década de 1930 ecoam ainda hoje na Vila João Vaz, demonstrando a vitalidade da cultura popular negra em se reorganizar, reconfigurando e ressignificando seus rituais e celebrações.



## A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DA VILA JOÃO VAZ

No segundo domingo de setembro, avista-se pelas ruas da Vila João Vaz, bairro situado na região noroeste de Goiânia, homens e mulheres de várias idades empunhando bandeiras, pandeiros, caixas, chocalhos, fitas e bastões, num bailado acompanhado por cantos e batidas, destoando do cinza da cidade em um desfile étnico de cores e ancestralidade.

Neste momento, Ternos de Congo, Catopés e Moçambiques de diferentes localidades de Goiânia, de Catalão, além de algumas cidades de Minas Gerais, como Ituiutaba e Uberlândia, põem em prática processos rituais que são lembrados, repetidos e transformados há gerações.

A Festa do Rosário é uma devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que traz experiências dos africanos e seus descendentes, desde Portugal e sua relação com o Reino do Congo e com o Brasil. De caráter polissêmico, em seus festejos, dentre outras, também estão presentes representações a respeito da coroação do Rei e da Rainha do Congo; o encontro dos congadeiros com a imagem de Nossa Senhora do Rosário; além de processos referentes à abolição da escravidão. Assim, como já mencionado, adaptando ritos e movimentos corporais às condições de sua época e lugar, as “festas de coroação de reis congos” antecederam ao período das caravelas e do deliberado tráfico humano de povos do continente africano, especialmente do reino do Congo (SOUZA, 2006).

(...) a ideologia da Congada oscila entre um mito envolvendo fatos supostamente passados entre negros escravos, na África ou no Brasil, e as fórmulas de votos e promessas feitos entre o “brincador” devoto e Nossa Senhora do Rosário. (...) Dificilmente uma dança ou um outro folguedo do folclore brasileiro possuirá um mito, que lhe procure justificar uma origem, tão consistentemente difundido como o da Congada (BRANDÃO, 1985, p. 83).

As versões do mito de origem da Congada contadas pelos Dançadores do Terno de Congo Verde Preto, em 2015, apresentam algumas variações, assim como Brandão (1985) também percebeu entre os congadeiros catalanos, em 1975. Contudo, podem ser agrupadas no seguinte:

- 1) Uma imagem de Nossa Senhora do Rosário é encontrada em uma gruta;
- 2) Em vão, algumas pessoas tentam retirar a imagem e levá-la para a igreja. A santa não se move;

- 3) Um terno de Congo se aproxima, canta, dança e toca para a santa, a mesma se desloca e é levada para a igreja;
- 4) No outro dia a santa havia retornado para a gruta;
- 5) Em seguida um terno de Moçambique canta, dança e toca para a santa. A mesma novamente se desloca e é levada para a Igreja, permanecendo lá, sendo necessário, desde então, que todos os anos aquelas danças, cantos e toques sejam repetidos em homenagem à mesma.

As variações encontradas dizem respeito a dois pontos da narrativa: a) a santa teria sido encontrada em um deserto, ao invés de uma gruta; b) diante do cortejo dos Congos, a mesma teria se deslocado um pouco, mas permanecendo no local, e sendo completamente retirada apenas uma vez, ao som do Moçambique. O mito é recontado apenas pelos Dançadores mais velhos e Capitães, não sendo mencionado entre as crianças e adolescentes.

A Festa da João Vaz, assim como a de Catalão retomam este mito através de uma sequência de cerimônias que também incorporam em seu conteúdo noções sobre a abolição da escravidão, reverências aos ancestrais, exaltações ao continente africano e seus povos, entre outros.

No caso da Festa da João Vaz, até hoje os rituais da Congada acontecem em uma relação contraditória entre a Igreja e a Irmandade. Esta relação geralmente é permeada por tensionamentos entre as concepções de religiosidade e de fé, e pelo tipo de comportamento, que de um lado são preconizadas pelo padre e de outro são aceitas ou não pelos congadeiros, conforme as necessidades e interesses do grupo.

### **A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA VILA JOÃO VAZ**

A partir de estudos como o de Souza (2006), temos observado que as festividades da Congada quase sempre foram realizadas a partir de organizações configuradas em forma de Irmandades. Essa informação é reiterada por autores que pesquisaram manifestações de Congada nos Estados de Goiás e Minas Gerais como Brandão (1985), Costa (2008), Damascena (2012), Lucas (2014), Ratts (2012) e Rios (2010).

A organização de grupos sociais em torno de irmandades de homens negros remonta um período anterior ao tráfico de escravos no Brasil, estando presentes no centro-oeste do país desde meados do século XVIII. As irmandades constituíram-se em uma estratégia portuguesa de catequização, controle e gestão da colônia. Em um contexto onde o poder político e religioso encontrava-se além-mar, as irmandades promoviam capilaridade às normas morais, éticas e religiosas, bem como o controle do corpo e dos comportamentos (MORAES, 2012).

No século XVIII, as Irmandades desempenhavam um papel importante para os que habitavam a Capitania de Goiás, especialmente para os brancos pobres, negros e índios. Diante da formação rudimentar dos vilarejos, geralmente formados como pequenos arraiais, as atividades de assistência médica, funeral e social eram desempenhadas pelas Irmandades. No caso das irmandades dos homens pretos, estas entidades tornaram-se recurso fundamental para socialização dentro da sociedade escravocrata, uma vez que apenas dentro destas instituições eram permitidas boa parte das práticas em grupo.

Diante de várias resignificações e mudanças de contexto histórico das Irmandades dos homens pretos, desde o período colonial, atualmente observa-se em Goiânia a existência de uma forma de organização social que se denomina como uma irmandade de congadeiros, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Vila João Vaz. A entidade foi fundada oficialmente no primeiro dia de novembro de 1988, por um grupo de pessoas devotas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, migrantes do sudeste do Estado de Goiás que, inspirados por suas tradições e imbuídos de noções de ancestralidade, realizavam cerimônias festivas de coroação de reis negros, respectivamente, na Vila Santa Helena e na Vila João Vaz.

A irmandade da Vila João Vaz foi fundada em uma reunião no Centro Comunitário da Vila João Vaz, sendo constituída como

(...) uma associação civil, sem fins lucrativos, formada por homens e mulheres, sem distinção de raça, cor e posição social, com sede em GOIÂNIA-GO e endereço inicial na VILA JOÃO VAZ, Avenida Rio Branco, esquina com Rua Vitória (ESTATUTO DA IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE VILA JOÃO VAZ, p. 1).

Decorridos trinta e um anos desde a sua fundação, a entidade conta hoje com a participação de três Ternos de Congada, dentre eles: um Moçambique<sup>1</sup>, um Congo e um Catupé.

O Moçambique 13 de Maio, situado no Bairro Feliz, região leste de Goiânia, é Capitaneado pelo Sr. Lázaro, também conhecido como Mancha Negra. Segundo relato de alguns congadeiros, o Capitão Mancha Negra, vindo da cidade de Uberlândia, teria chegado a Goiânia, juntamente com sua família, na década de 1980. O Congo Verde e Preto foi criado no início da década de 1970, pelo capitão Pedro Cassimiro, que posteriormente transferiu a responsabilidade pela condução do grupo a um de seus filhos, Osório Alves. O Catupé Marinheiro também conhecido como “Vermelho”, também foi criado por Pedro Cassimiro, que posteriormente deixou como legado a seus filhos Antonio Alves e Luiz Alves. Segundo alguns congadeiros da João Vaz, apesar da denominação “Marinheiro”, o Vermelho se configura mais como um Catupé, do que como Marinheiro – outro tipo de guarda –, em função da vestimenta que usa, dos ritmos que executa, assim como a configuração do Terno, instrumentos e formação dos Dançadores<sup>2</sup>.

Existem diferentes tipos de Ternos de Congada que se distinguem pela função que desempenham na festa, pelos tipos de instrumentos que utilizam e até pelas coreografias que realizam.

Na Festa da João Vaz, o Moçambique São Benedito é responsável por buscar e conduzir a Coroa e o Reinado. Os Congos abrem caminho para os Moçambiques, além de também conduzirem o Reinado, em caso da ausência do Moçambique. Os dançadores do Moçambique São Benedito, não utilizam *guizos* nas pernas – as “gungas” –, um instrumento muito comum em outros Moçambiques, como observado na Festa de Catalão 2014/2015. Contudo, utilizam os *patangomes* (instrumento musical que se assemelha a duas bateias, utilizadas na mineração manual, soldadas uma à outra e com esferas de metal em seu interior), e os surdos (instrumento bastante utilizado no samba e em alguns ternos Catopés e Moçambiques). No vídeo-documentário “*Na angola Tem*”, dirigido por Talita Viana e Sebastião Rios (2016), é possível observar em uma guarda de Moçambique da cidade mineira de Itapecerica, o uso das “*patangomas*”, assim com das

---

<sup>1</sup> Macedo (2007) apresenta uma descrição dos diferentes tipos de ternos e suas principais funções na festa da Congada de Catalão.

<sup>2</sup> Refere-se à disposição que cada congadeiro ocupa no Terno durante os cortejos da guarda.

“*campanhas*”, também denominadas por “*gungas*”, estas últimas, não utilizadas pelo Moçambique do Sr. Lázaro.

Os Congos utilizam pandeiro, sanfona e as caixas (tambores que se assemelham a uma zabumba, mas com as duas membranas em couro de vaca, tocados com apenas uma baqueta de madeira). Os Catopés utilizam surdos, sanfona e pequenos pandeiros que são tocados com as mãos e percutidos, ora com os pés e ora no chão, conforme o momento da festa, o ritmo e o canto executado. Todos os ternos da Irmandade também utilizam apitos, que são tocados pelos Capitães de cada Terno, impondo os ritmos e ações dos Ternos.

Dentre as diferentes finalidades da Irmandade, destaca-se a promoção de festas, novenas, missas, e outros atos que compõem o ritual da Congada, juntamente com autoridades eclesiásticas e representativas da comunidade.

(...) a festa de NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO é o evento oficial da “IRMANDADE” (sic) a ser organizado com o apoio da Paróquia. (...) O programa da festa obedecerá ao que for estabelecido pela DIRETORIA (sic) devendo conter itens de natureza religiosa, festiva, artística, folclórica e outra a critério da DIRETORIA (ESTATUTO DA IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE VILA JOÃO VAZ, p. 1).

A partir de observações realizadas na Festa da João Vaz 2014/2015, além das entrevistas realizadas com membros do Terno e da Irmandade, nota-se que as principais ações realizadas pela Irmandade giram em torno da preparação e realização da Festa.

Tanto a dimensão religiosa, como a social é materializada durante as cerimônias de preparação, execução e finalização da Festa. Segundo o presidente da Irmandade, Wilson Lima,

(...) tanto as reuniões ordinárias, como as extraordinárias, na maioria das vezes são pra resolver coisas tanto da organização da Festa como da tradição também. Se eles [o conselho da irmandade] verem que alguma coisa tá saindo do ritual eles param (WILSON LIMA, PRESIDENTE DA IRMANDADE – ENTREVISTA REALIZADA EM SETEMBRO/2015).

Observa-se a importância que a festa possui para a Irmandade e para os congadeiros, uma vez que esta última direciona tanto as questões pragmáticas quanto as questões de ordem filosófica-conceitual da festa.

Os Ternos de Congada, formados pelos Capitães, Dançadores e Bandeirinhas, também compõem a Irmandade, se configurando como um dos principais agentes que possibilitam a materialização da Festa.

No artigo 10 do estatuto da Irmandade encontra-se a seguinte afirmação:

(...) todos os Diretores de Ternos de Dançadores (sic), dentre os quais ‘Congos’ e ‘Marinheiros’ e outros, já existentes na Vila João Vaz ou que vierem a ser fundados, fazem parte da ‘IRMANDADE’ (sic) (ESTATUTO DA IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE VILA JOÃO VAZ, p. 2).

Já no artigo 11 encontram-se informações a respeito da participação dos dançadores, ressaltando que estes filiados à irmandade devem se registrar na diretoria do terno de dança escolhida e terão sua participação nos eventos regulada por normas da Diretoria. Observa-se ainda que os cargos de rei, rainha, príncipes, princesas, generais e capitães integram os ternos de dançadores. Apesar dos cargos e dos grupos pertencentes à Irmandade estarem bastante definidos no estatuto, na prática existe uma noção muito elástica de pertencimento à Irmandade. Nos dizeres do presidente:

Todos que participam da Festa fazem parte da Irmandade. Às vezes a pessoa não tem direito a voto em uma decisão específica, mas ele faz parte sim, participando das novenas, dos ternos, estando perto da Congada. A gente tem o hábito também de homenagear alguém que seja de fora da comunidade e que é importante pra gente, com o título de membro em honra à irmandade, tem certificado e tudo (WILSON LIMA, PRESIDENTE DA IRMANDADE – ENTREVISTA REALIZADA EM SETEMBRO/2015).

Em entrevista, Divina Aparecida Alves Dias, uma das pioneiras da comunidade da Vila João Vaz, destaca que já fez parte do Conselho e que apesar de atualmente não possuir vínculo formal com a entidade é bastante participativa, principalmente no que concerne às relações dos Congos com a Igreja. É essa noção alargada de Irmandade que se faz presente na Festa a maior parte do tempo. Mesmo algumas pessoas que ressaltam formalmente não fazerem parte da entidade destacam algum envolvimento. Nos dizeres de Nilton Pereira de Almeida, também um dos pioneiros da Vila João Vaz e pai de um dos Dançadores do Verde e Preto, “hoje não participo, mas já participei. Hoje ajudo sempre, mas não faço parte do Conselho” (ENTREVISTA REALIZADA EM SETEMBRO/2015).

Durante o período de preparação para a Festa da João Vaz, a Irmandade realiza as Novenas, a cada segunda segunda-feira do mês, iniciando em janeiro e terminando na semana da Festa.

Além das Novenas, são realizadas pamonhadas, macarronadas e outros eventos para arrecadação de recursos financeiros para a festa, sempre envolvendo aspectos gastronômicos. Após as Novenas, geralmente é servido algum lanche, levado pelos participantes da Novena, seguido da realização de um bingo, que costuma ter como prenda, vasilhas e objetos para uso doméstico na cozinha.

Apesar de ser composta por uma dimensão administrativa sistematizada por cargos que são assumidos a partir de processos eleitorais, a configuração da Irmandade na Vila João Vaz apresenta uma noção alargada de pertencimento que permite a aproximação de diferentes pessoas que moram na vila e participam das atividades da Congada.

## **AS CERIMÔNIAS DA FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DA VILA JOÃO VAZ**

A Festa da João Vaz é realizada durante onze dias e tem como seu momento apoteótico o segundo domingo de setembro, momento em que os Ternos se encontram para o café-da-manhã que precede a missa da manhã de domingo.

No domingo são realizados os principais cortejos dos ternos de Congada. Este seria o momento em que observamos com nitidez a performance do mito fundador. As guardas de Moçambique, responsáveis pela retirada de Nossa Senhora do Rosário das águas – ou da gruta –, conduzem a coroa, que dentre diversas significações representa também a coroa da santa. Logo atrás da coroa, posiciona-se o reinado que é acompanhado também pelos festeiros. Imediatamente à frente desta comitiva, seguem as guardas de Congo, precedidas pelos grupos de Catupés.

Os cortejos são realizados pelas ruas da Vila João Vaz, alternando os percursos entre o terreno da Irmandade e a capela, em uma configuração festiva que ressalta o poder – inclusive bélico – do reinado negro com danças, cantos e batuques. À frente da coroa, dois generais – os

guarda-coroas – se posicionam com duas espadas entrecruzadas, em uma clara demonstração de se tratar de algo devidamente protegido pelo grupo.

Para a realização da Festa considera-se como parte da tradição a definição do casal festeiro de Nossa Senhora do Rosário. Este deve ser formado por pessoas que possuam vínculos com a Irmandade ou algum de seus membros e não precisa ser necessariamente um casal em situação de matrimônio. Nas Festas do Congado, em Itapecerica (MG), funções parecidas com às dos festeiros são assumidas, também por um casal, que durante um ano serão denominados como Rei Grande e Rainha Grande (RIOS, 2005). Na João Vaz, os interessados em pleitear a função apresentam os nomes ao Conselho da Irmandade, que avaliará, definindo qual será o próximo casal festeiro. Esta decisão geralmente acontece um ano antes da Festa, durante a semana festiva de setembro. É considerado como o final da Festa a realização da cerimônia de entrega da coroa, objeto que representa a coroa de Nossa Senhora do Rosário, ao próximo casal festeiro.

Vale destacar que ao casal festeiro, em parceria com a Irmandade, cabe a incumbência de produzir a festa, providenciando alimentação e toda a estrutura necessária como tendas, banheiros químicos, higienização do espaço entre outros itens. Apesar das dificuldades financeiras para a realização da Festa, geralmente nos momentos em que são servidos alimentos aos presentes há abundância e fartura. Todos comem, alguns levam pra casa, e as bandejas, quando recolhidas, retornam ainda com alimentos.

A abundância, a solidariedade e a sabedoria são noções geralmente vinculadas a condições de vidas antigas. Foi observado na pesquisa um saudosismo que parece acreditar que, apesar das dificuldades do passado, antes havia mais abundância de comida, havia mais companheirismo e sabedoria de vida.

Apesar das dificuldades financeiras para a sua promoção, na Festa da João Vaz a noção de fartura é algo sempre presente. Até nos raros momentos em que a comida parece ser pouca, acaba se tornando suficiente para os que estão ali. Um alimento que parece saciar o estômago e o coração. A partilha do lanche, comer um ao lado do outro, servir o alimento para o companheiro de jornada, configuram-se como formas de reintegração do simples como modo de vida.



A saudade do passado é bastante ressaltada pelos mais velhos. Ainda lembro-me dos dizeres de Osório Alves, saudoso pelo tempo de fartura em que plantava arroz, feijão, abóbora, milho, e outros alimentos. Segundo ele, “em pouco chão se plantava muita coisa, hoje a terra é fraca”.

Esta saudade do passado que comumente é qualificado como melhor quando comparado aos tempos atuais é recorrente durante a Festa da João Vaz. Em diversos momentos alguns Congadeiros, sobretudo os mais velhos, destacam procedimentos e posturas realizadas pelos Congadeiros “da antiga” como mais legítimas ou corretas quando comparados com os dos Congadeiros da atualidade. São comuns comentários que ressaltam a aproximação do fim das tradições da Congada, ou a ocorrência de uma deturpação das mesmas.

Leda Martins (2001) resalta que, na comunidade dos Arturos, também é comum alguns dizeres como “os Arturos estão perdendo a tradição, (...) eles não são mais como eram antigamente”. A autora destaca que no cenário da cultura popular, uma das expressões na qual diversas populações afro-brasileiras manifestam suas tradições, é comum a produção de uma idealização que compreende a tradição como um “retrato do paraíso perdido”. Entre vários estudiosos a tradição também é apresentada como algo enredado por festas e diferentes eventos. Martins (2001, p. 47), traz as palavras de Aguessy.

a tradição, contrariamente à ideia fixista que se tem dela, não poderia ser a repetição das mesmas sequências; não poderia traduzir um estado imóvel da cultura que se transmite de uma geração para outra. A atividade e a mudança estão na base do conceito de tradição (MARTINS, 2001, p. 47).

A autora enfatiza o processo dialético e a interlocução entre preservação e mudança como condições para a existência da tradição. Segundo ela, as proposições de Aguessy não se restringem à realização de eventos e cerimônias, abrangendo os processos que as antecedem, assim como os que as superam. Os eventos, quando considerados em sua forma podem sim causar nostalgia diante dos processos de transformação que o acometem, contudo, esse sentimento não pode se aplicar à tradição, uma vez que esta só existe devido à sua preservação e transformação simultâneas.

Estas considerações acerca das tradições e seu inerente e, simultâneo, processo de permanência e transformação, contribuem para a leitura das diferentes cerimônias e rituais da Festa da João Vaz que, juntamente a outros vários procedimentos que são desenvolvidos antes, durante e após a Festa, compõem as tradições da Congada da comunidade da Vila João Vaz. Dentre as tradições da Congada destacamos as principais cerimônias que ocorrem durante a festa da Vila João Vaz.

O quadro abaixo apresenta a sequência das principais cerimônias da 46ª edição da Festa, realizada em 2015.

<b>Atividade</b>	<b>Data/Momento</b>	<b>Horário</b>	<b>Característica/Circunstância</b>
<i>Alvorada (na Capela)</i>	<i>04/09 (6ª feira)</i>	<i>5h às 7h</i>	<i>Considerado o momento de início oficial da festa.</i>
<i>Novena (na Capela)</i>	<i>04/09 (6ª feira) a 12/09 (Sábado)</i>	<i>19h às 21h</i>	<i>Realizada durante 09 noites, sendo a última delas realizada antes do Levantamento do Mastro.</i>
<i>Festa no terreno da irmandade</i>	<i>04/09 (6ª feira) a 12/09 (Sábado)</i>	<i>Após as 21h</i>	<i>Realizada todos os dias após a Novena, é um dos momentos de socialização da comunidade, além de possibilitar também à arrecadação de recursos financeiros para a festa.</i>
<i>Levantamento do Mastro</i>	<i>12/09 (Sábado)</i>	<i>20h</i>	<i>Momento de grande emoção para os dançadores e demais devotos dos santos católicos.</i>
<i>Domingo da Festa</i>	<i>13/09 (Domingo)</i>	<i>7h às 20h</i>	<i>Principal momento de encontro entre os ternos. É composto por um conjunto de atividades – Café-da- manhã, Missa, Almoço, Visitas e a Procissão.</i>
<i>Entrega da Coroa</i>	<i>14/09 (2ª feira)</i>	<i>18h às 21h</i>	<i>Considerado como o momento de finalização da festa, na qual, além de algumas visitas realizadas pelos ternos, os festeiros “passam” a Coroa aos festeiros do ano seguinte.</i>

Quadro 1 – Principais cerimônias realizadas na edição da Festa da João Vaz, realizada em 2015.

Para os Capitães do Congo Verde e Preto, os principais momentos da festa são a Alvorada, a Novena, o Levantamento do Mastro, o “Domingo da Festa” (quando são realizadas as principais atividades da festa, como o café-da-manhã, a missa, o almoço, as visitas e a procissão),

e a Entrega da Coroa. Além destes momentos, que constituem a Festa propriamente dita, outros momentos, como a Descida do Mastro, a Novena que é realizada de Janeiro a Setembro (essa Novena precede a festa), os ensaios dos Ternos e as festas beneficentes (bingos, galinhadas, macarronadas) são realizados durante o ano e também se vinculam aos festejos da Congada.

É importante o entendimento de que as cerimônias realizadas na festa são elementos que compõem as tradições e apresentam uma determinada forma, à luz da principal referência para os congadeiros da João Vaz, a Festa de Catalão, resguardando as devidas especificidades de sua ocorrência em Goiânia.

As formas na qual as cerimônias são realizadas podem ser modificadas de um ano para outro, contudo, isso não implica, necessariamente, a perda ou fragilização das tradições desse grupo. Ao contrário, é a partir das necessidades do grupo, atualizadas às situações que os acometem no presente, que é possível perceber de forma mais nítida os movimentos da tradição.

O dilema vivido pelos congadeiros no ano de 2005, quando o padre negara a permissão para realizarem a Festa na Capela da vila, como sempre era costume, incorreu em alterações no local, bem como na forma de executarem alguns rituais, antes realizados no pátio da Igreja. O temor em não ter um local garantido para a realização da Festa acometeu a comunidade que, um tempo antes da realização da edição seguinte, conseguiu a doação de um terreno com o auxílio de um vereador representante da região da cidade em que a Vila João Vaz está situada.

Desde então, parte da Festa da João Vaz passou a ser realizada no terreno da Irmandade e não mais no pátio da Capela, que ainda é utilizado para rituais como o levantamento e descida do mastro. Desta forma, apenas o espaço interno da Capela continuou sendo utilizado pelos congadeiros de forma mais contínua. Apenas para a realização das Novenas, Alvoradas e Missas, ou seja, rituais mais vinculados à liturgia dos rituais do catolicismo é que os congadeiros geralmente utilizam a Capela. As refeições e as Festas de arrecadação, leilões, bingos e venda de bebidas e alimentos passaram, então, a ser realizadas no terreno da Irmandade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos alguns aspectos históricos que possibilitam a reflexão acerca das implicações dos contatos interculturais entre saberes europeus e africanos que constituíram as

festas de coroação de reis e rainhas negros no Brasil desde o período colonial, assim como seus desdobramentos na atualidade na cidade de Goiânia.

Observou-se a dinâmica de um catolicismo negro fundamentado nos festejos da Congada. Os desdobramentos dos processos interculturais entre africanos e portugueses no contexto colonial promoveu a constituição destas performances negras, geralmente em torno de irmandades do rosário, fazendo subsistir até a atualidade cerimônias de coroações de reis e rainhas negros(as) e a realização de cortejos e embaixadas compostas por soldados e batalhões em um ambiente de fé católica, resignificada a partir de tradições africanas e afro-brasileiras.

A festa da Vila João Vaz se apresenta como uma manifestação que rememora o passado de opressão e escravidão promovido pela diáspora negra, a partir de cerimônias festivas compostas por cantos, danças e batuques que ressaltam a fé, a ancestralidade e a resiliência do povo negro. Ao perderem a funcionalidade que possuíam no período colonial, as irmandades católicas vinculadas aos ofícios e compostas pelos brancos deixaram de existir, encontrando outras configurações de grupos sociais para se estabelecerem na sociedade. Algumas irmandades negras, entretanto, ainda persistem com seu legado ancestral adaptado à atualidade – ou foram criadas recentemente – em diversas regiões do país, sobretudo na região sudeste e em algumas cidades do Estado de Goiás.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Danças Dramáticas do Brasil*. Edição Organizada por Oneida Alvarenga – 2ª edição. 1º TOMO. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do santo de preto*. Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

COSTA, Patrícia Trindade M. *As raízes da congada: a renovação do presente pelos filhos do Rosário*. Curitiba: Appris, 2012.

DAMASCENA, Adriane Alvaro. *Os jovens, a congada e a cidade: percursos e identidades de jovens congadeiros em Goiânia, Goiás*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Geografia, 2012.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo*. 2ª ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Belo Horizonte, Juiz de Fora: Mazza, 2000.

LUCAS, Glaucia. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

\_\_\_\_\_. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na capital de Goiás 1736-1808*. Goiânia: UFG, 2012.

RATTS, Alecsandro. *Mito, memória e identidade negra nas congadas do Brasil Central*. Comunicação oral. VIII Congresso Ibérico e Estudos Africanos – 14 a 16 de julho, 2012.

RIOS, Sebastião. *Reinado do Rosário de Itapecerica - MG. Da festa e dos mistérios*. 1. ed. Brasília: Viola Corrêa, 2005.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita; SANTOS, Carolina. A performance do olhar: como e o que viu Pohl na congada de Santa Ifigênia. In: TEIXEIRA, João Gabriel; VIANA, Letícia C. R. (orgs.) *As artes populares no planalto central: performance e identidade*. Brasília: Verbis Editora, 2010.

VIANA, Talita; RIOS, Sebastião. *Na Angola tem: Moçambique do Tonho Pretinho*. Fotografias Marcelo Feijó e Diana Landim. Tubarão: Copiart; [Goiânia]: Faculdade de Ciências Sociais/UFG, 2016.

TINHORÃO, Jose Reis. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no circo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista. História da festa e coroação do rei congo*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.



*Submissão: 30 de abril de 2019*

*Avaliações concluídas: 31 de outubro de 2019*

*Aprovação: 31 de outubro de 2019*

## COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CARVALHO, Cleber de Souza; RIOS, Sebastião. Ancestralidade Afro-Brasileira na Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 19, n.2, p. 1-20, e-190207, jul./dez., 2019. Disponível em:< <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive> >. Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >